

CENÁRIO DA FAVELA: PERSPECTIVAS DAS HISTÓRIAS DE VIDA DOS JOVENS DO COQUE

Izabel Adriana Gomes de Sena – UFPE
Edilson Fernandes de Souza - UFPE

Resumo: O objetivo desta pesquisa consistiu em analisar as percepções dos jovens moradores da favela do Coque, localizada na região metropolitana do Recife, sobre a violência. Revelando seus olhares acerca das temáticas que se sobressaiam em suas histórias de vida e refletindo sobre a pobreza e a desigualdade social. Tomamos como aporte teórico as ideias do pensador alemão Norbert Elias referente aos conceitos de estabelecimento e *outsiders*. Entrevistamos jovens de ambos os sexos matriculados no ensino fundamental e médio das referidas escolas. Por entendermos que as formações das sociedades e suas respectivas memórias são descontínuas e que as pessoas criam e recriam suas imagens, tradições e identidades, escolhemos a história oral de vida aliada a um tipo de procedimento, a análise de conteúdo como aportes metodológicos para a realização da investigação. Para registrarmos esses momentos construímos um diário de campo e os estudantes envolvidos nesse estudo trouxeram em suas histórias de vida: lembranças da infância, das brincadeiras, dos lugares, das pessoas amadas, da família, da escola, e, sobretudo, dos fatos violentos onde relataram seus incômodos com os assaltos, os roubos, os latrocínios, os assassinatos, as vendas de entorpecentes, e os estigmas que estes moradores de periferia carregam. Os dados da investigação revelaram ainda que, estes jovens se vêm como os “estabelecidos” frente aos jovens envolvidos com a criminalidade na configuração social da favela, os jovens delinquentes aparecem como “eles”, “ninguém”, ou seja, passam por um processo de afastamento e desumanização que os transformam em *outsiders*.

Palavras-Chaves: Juventude; História de Vida e Exclusão social.

INTRODUÇÃO

Para a construção deste trabalho acadêmico contei com a participação ativa e preponderante dos estudantes que me acompanharam durante todo o percurso, desde as primeiras inquietações que incentivaram a investigação até as conclusões posteriores da pesquisa.

A Escola Pública foi o lugar propulsor onde nasceram nossas inquietações, despertando olhares mais atentos e aprofundados sobre as questões que a permeiam. Nesse sentido, escolhemos direcionar os olhares para os estudantes, buscando transpor os muros invisíveis entre a escola e as configurações sociais existentes em seu entorno.

Os sujeitos escolhidos para a investigação foram os estudantes do Ensino Fundamental e Médio da Escola Estadual Joaquim Nabuco e da Escola Estadual Monsenhor Manuel Leonardo de Barros Barreto que se dispuseram a participar da pesquisa.

O objetivo dessa pesquisa consistiu em analisar as percepções dos estudantes moradores da favela do Coque sobre a educação.

A metodologia escolhida foi a história oral de vida aliada a um tipo de procedimento a análise de conteúdo, por entendermos que ela dar lugar às pessoas que fizeram ou vivenciaram a história, para que essas possam se expressar com suas próprias palavras e, nesse sentido, oportuniza os olhares e vozes daqueles que por muitas vezes foram silenciados e marginalizados pela sociedade.

Entretanto, no decorrer da pesquisa identificamos que era preciso ir além do ambiente escolar, conhecer o Coque nas suas ruas e becos, olhar os moradores, os vizinhos das escolas, as suas casas e as diferentes instituições que estão localizadas dentro dessa configuração social da favela do Coque. Portanto, decidimos conhecer a favela do Coque e observarmos de perto algumas das suas muitas peculiaridades.

Para registrarmos esses momentos, construímos um diário de campo. O diário de campo foi o procedimento etnográfico que escolhemos para que juntamente com as histórias de vida, auxiliarem na captação de dados e no melhor entendimento da configuração social estudada.

Estudos etnográficos: o método e as suas possibilidades

A etnografia é um método utilizado principalmente nos estudos antropológicos, recolhendo dados no campo de pesquisa e mantendo contato intersubjetivo entre o antropólogo e o seu objeto. Utilizando essa metodologia o pesquisador é ora historiador, ora seu próprio cronista, suas fontes são acessíveis, mas ao mesmo tempo, evasivas e complexas, não estão em documentos escritos, mas na memória e comportamento dos indivíduos.

Para a etnografia o autor tem a possibilidade de vivenciar a história, contá-la e estudá-la ao mesmo tempo. Pois, as suas fontes de estudos são os comportamentos e memórias de homens e mulheres que ainda estão presentes nas sociedades. É nessa direção, que observamos o trabalho dos etnógrafos. Na busca pelos acertos na pesquisa etnográfica, correm vários riscos iniciais, como por exemplo o de estar demasiadamente imbricados à pesquisa ou tão afastados que deixam os atores principais da pesquisa inacessíveis.

Em diferentes momentos, somente percebemos o mundo com uma perspectiva, singular, com o qual estamos familiarizados, porém, não observamos a origem das coisas, sua gênese, suas partículas. Muitos foram os dilemas que encontramos em

nossos percursos. Contudo, buscamos os diferentes signos que facilitassem o nosso olhar para distinguirmos uma palavra, uma representação de outra, e do que ela representa.

O território escolar: seus limites e possibilidades

O lugar da escola na história da educação brasileira passou por múltiplas transformações que repercutiram significativamente para as mudanças socioculturais do país. De acordo com Vanilda Paiva (1973) no século XX, os altos índices de analfabetismo no Brasil “envergonhava” a elite, então chamada de “intelectualidade brasileira”.

O analfabetismo durante a República Velha e início da Segunda República, era considerado como um dos principais problemas da nação, nesse sentido, a educação escolarizada ou a ausência dela, era responsabilizada pelas grandes dificuldades socioeconômicas em que estava inserida a sociedade brasileira desse referido período histórico. O posterior entusiasmo pela educação no Brasil estava intimamente ligado às políticas governamentais populistas que justificavam a educação como salvadora da nação, *emancipadora* e libertária.

O século XX foi palco das grandes transformações no que se referiu à massificação educacional. Os movimentos sociais encabeçados pela juventude brasileira estavam atrelados aos processos educativos que foram desenhados principalmente na década de 1960. Esses movimentos tinham na juventude as forças propulsoras fundamentais e, nessa perspectiva, o jovem era observado como sujeito cognoscente propício às mudanças e reivindicações para adentrar de maneira igualitária na esfera pública.

Durante a década de 1980, o Brasil viveu o período de redemocratização política, portanto, os projetos educacionais da época estavam intimamente ligados a esse processo da política nacional. Os discursos voltados para a educação escolar estavam permeados por sentimentos de mudança, visavam à superação da educação tecnicista e o conservadorismo predominante do período militar. Nesse mesmo momento, foram intensificados os debates e a implantação do projeto da universalização do acesso à escola pública.

Sobre a universalização do acesso escolar e suas perspectivas para os cidadãos, os autores Paiva & Burgos (2009) ratificam que a democratização da educação está imbricada as questões políticas e econômicas. Lembrando-nos da necessidade dos

cidadãos estarem minimamente equiparados para poder exercer sua cidadania e ascender socialmente.

O debate sobre a educação pública brasileira nos faz observar o quão distante é a realidade dos “*subcidadãos*”, do ideário igualitário apregoado pelo acesso universal à escola pública. Essa instituição em diferentes momentos serve de palanque para os discursos mais acalorados, em relação à cidadania e, em outros, é utilizada como palco para as “encenações” da segregação social.

Dessa maneira, entendemos que a escola necessita passar por um processo desmistificador e igualmente transformador onde as ideias ramificadas e conservadoras sejam desconstruídas. A instituição encontra-se em um emaranhado social. Segundo Pierre Bourdieu (2008), ela não consegue se desprender das amarras reprodutoras e estratificadas que a sociedade continua impondo-lhe.

Logo, percebemos que o poder de intervenção da escola sobre as tramas sociais tem suas fragilidades e limitações no que se refere às tentativas de corrigir as injustiças e obter a equalização social.

Apesar disso, as instituições escolares também são compostas por dispositivos norteadores dos sujeitos, dos espaços, do tempo, dos diferentes conhecimentos e das práticas educativas. O fenômeno da escolarização traz em seu bojo, o debate sobre a articulação e a valorização desses elementos.

A educação formal é na atualidade um direito social e é dever do Estado proporcioná-la aos indivíduos, logrando o desenvolvimento da cidadania. Sendo assim, um dos alicerces fundamentais para o processo de socialização dos indivíduos e interligação com a sociedade.

Sobre o papel da educação formal Ângela Paiva (2009) realiza uma discussão onde afirma que “A educação, como direito social, é dever do Estado e foi, portanto, pensada como condição diferenciadora nas sociedades que pretendiam lograr a expansão da cidadania com maior igualdade para a participação na esfera pública.” (PAIVA; BURGOS, 2009, p. 21).

Paiva & Burgos (2009, p. 29), ao analisarem a escola pública brasileira identificam a ambivalência entre a homogeneidade e a separação ressaltada por essa instituição principalmente nas grandes cidades. Vale ressaltar que “o sistema escolar brasileiro está cada vez funcionando na chave segregadora, com a saída da classe média da escola pública”.

A instituição escolar é sem dúvida um lugar de vivências, interação e construção do conhecimento, mas também é reprodutora, excludente e desumanizadora, existem nesse meio, encontros e desencontros, nos quais se desenvolvem os processos educativos. A escola nasce com uma frágil relação entre a educação voltada para a ética, a “civilização”, os direitos a cidadania e a educação reprodutora das desigualdades que realiza a exclusão invisível dos chamados “*incluídos*”.

A escola enquanto força formadora de *habitus* propicia aqueles que estão direta ou indiretamente submetidos à sua influência, uma disposição geradora de esquemas particulares capazes de serem aplicados em campos diferentes do pensamento e da ação aos quais pode dar-se o nome de *habitus* cultivado, segundo as ideias de Bourdieu (2008).

Para o referido autor, as desigualdades sociais que são condicionadas pela escola, nos fazem observar que ela ignora as diferenças socioculturais, selecionando e privilegiando os valores culturais das classes dominantes.

Dessa forma Bourdieu (2008), afirma que “a equidade formal à qual obedece todo o sistema escolar é injusta de fato, e que, em toda sociedade onde se proclama ideais democráticos, ela protege melhor os privilégios do que a transmissão aberta dos privilégios.” (BOURDIEU, 2008, p. 53).

As promessas relacionadas à cidadania, mobilidade social, igualdade de direitos por meio da universalização do acesso escolar viram-se estancadas significativamente. Esse modelo de escola no Brasil expandiu a educação, mas não diminuiu as diferenças entre as classes sociais.

Quando nos referimos à qualidade de ensino, temos como perspectiva a educação com bases igualitárias ofertada em todos os níveis e redes de ensino, sem diferenças excludentes, que oportunize aos cidadãos reflexão e ação sobre as suas realidades socioeconômicas, com pretensões voltadas para alargar a participação democrática e diminuir as desigualdades sociais.

Para Bourdieu (2008), a democratização da escola passou um período de grande contentamento, entretanto, com o passar do tempo foi se confirmando que apenas o acesso ao ensino não é suficiente para o bom desempenho dos estudantes.

A equidade em que a escola “democrática” pauta suas práticas pedagógicas serve também de alicerce para aumentar o fosso das desigualdades, escondendo em suas entranças as diferenças socioculturais dos indivíduos que a frequenta.

A favela do Coque: um cenário de exclusões e resiliência

A formação das configurações sociais não é constituída de maneira planejada ou almejada por um indivíduo, nem por um grupo de pessoas. O conceito de configuração ou figuração expressa o que denominamos de “sociedade”.

Essas configurações que numa ordem maior chamamos de sociedade estão sempre em processo de mudança, sendo o seu fluxo em alguns momentos, repentino ou gradual.

As configurações segundo Elias (1985), “não são apenas amontoados de átomos individuais orientados para outros.” Elas são na verdade ações de uma pluralidade de pessoas interdependentes que interferem de maneira a formar uma estrutura entrelaçada de numerosas propriedades emergentes, com relações de força, eixos de tensão, sistemas de classes e de estratificação, desportos, guerras e crises econômicas. (p. 26).

É nas configurações que observamos as diferentes tramas de distinção social, os graus de controle e impulsos, cuja dinâmica está relacionada ao modo como se avançam as relações de interdependência dos indivíduos. Como diz Elias (1994, p. 45): “A história é sempre história de uma sociedade, mas, sem a menor dúvida, de uma sociedade de indivíduos”.

Para Elias (1969, p. 15), “as pessoas constituem teias de interdependência ou configuração de muitos tipos, tais como famílias, escolas, cidades, estratos sociais ou estados”.

Num aparelho social quanto mais aumenta as divisões das funções dos indivíduos, mais estreito é seu elo, pois estão diretamente interligados uns aos outros.

A história das cidades e o fenômeno da favelização estão interligados, as favelas atualmente fazem parte da cartografia das grandes cidades brasileiras elas estão inseridas como participes de suas redes, tanto na ordem material, simbólica e cultural.

São inúmeras as terminologias utilizadas para denominar esses territórios nas diferentes regiões do país, são algumas delas: palafitas, mocambos, malocas, aglomerados subnormal, (termos utilizados pelo IBGE), entre outros. No entanto, a denominação favela que por muitas vezes é observada e utilizada na ordem pejorativa também sofreu um processo identitário por uma parte de seus moradores.

Nesse mesmo espaço de exclusões, estigmas e precariedades socioeconômicas encontramos moradores de favelas resilientes, dispostos a buscarem soluções para melhorar suas condições de vida dentro dessa configuração social.

Algumas favelas movimentam o mercado imobiliário, principalmente aquelas que têm suas localizações próximas aos centros. Os pequenos comércios, a prestação de serviços e as produções artísticas são atividades que sustentam a base econômica da maioria dos moradores das favelas brasileiras, como afirma o pesquisador Márcio Piñon de Oliveira (2007)¹: A favela, como parte integrante da cidade, está no mundo das mercadorias, do mercado imobiliário (e da renda que ele pode oferecer), da produção cultural e de serviços.

Muitas favelas já se urbanizaram ou estão em processo de urbanização e regularização por iniciativa do poder público, com projetos/programas de urbanização, ou por iniciativa dos próprios moradores que, apesar das condições desfavoráveis em que vivem, estão sempre procurando melhorar e otimizar suas residências e suas condições de habitação. “A favela é um espaço em permanente mutação e desenvolvimento como toda a cidade e a metrópole”. (OLIVEIRA, 2007, p. 34).

Os moradores de favela, em sua totalidade, convivem com essas adversidades proporcionadas pelos problemas de estrutura dos territórios onde residem, porém, eles sofrem ainda mais com os “estigmas da pobreza”. Alguns estudos sobre segurança pública no Brasil trazem essa discussão polêmica da associação da pobreza à violência.

O determinismo sociológico que aponta a condição da pobreza como meio ideal para as práticas violentas, não considera as vontades dos sujeitos em relação as suas ações. Os rótulos construídos por essa visão preconceituosa assumem condições perversas, transformando os moradores de favelas em propensos criminosos.

O jovem Ridivaldo Procópio² realiza a seguinte reflexão sobre os stigmas e a criminalização que sofrem os moradores das favelas: “O criminoso, o traficante, o bandido, o alma sebosa” – são rótulos nos quais se marca e diminui os sujeitos. Qual é o sentimento recorrente quando se escuta a palavra delinquente [...]” (FERNANDES; FERRAZ; SENNA, 2009, p. 95).

Com relação a essa discussão Zaluar (1994) relata que anteriormente existia um determinismo voltado para as questões religiosas, na atualidade esta concepção dá lugar

¹ Ver o texto de OLIVEIRA, Márcio PIÑON de. **A favela e a utopia do direito à cidade no Rio de Janeiro**. *Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2007, vol. XI, núm. 245 p.34. <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-24534.htm>> [ISSN: 1138-9788]

² Procópio foi um dos fundadores do Movimento Arrebrandando Barreiras Invisíveis, que atua na favela do Coque. Participa também do coletivo Desclassificados, que publica fanzines divulgando reflexões a partir da ótica de moradores das periferias recifenses.

ao determinismo sociológico que considera a pobreza o meio social ideal para o aparecimento do criminoso. Os valores espirituais atribuídos aos “pobres bem aventurados” perdem seus papéis no mundo moderno.

A configuração que estamos estudando é a favela do Coque, localizada entre os bairros de São José e Joana Bezerra, na capital pernambucana, nordeste do Brasil. Essa região teve o início de sua povoação por volta do final do século XIX e início do século XX com a figura marcante do capanga, homens vindos do interior contratados pelos donos de engenho. Eles tinham como função garantir a segurança dos patrões, bem como dos produtos transportados pelo porto do Recife.

O bairro de São José é um dos mais antigos da cidade do Recife. As primeiras ocupações foram realizadas em um território onde historicamente foram desencadeados eventos significativos na vida política do país, como os embates das tropas republicanas, durante a Confederação do Equador (1824) e a Intentona Comunista (1935).

A maioria das famílias é oriunda de cidades interioranas do Estado de Pernambuco, do Agreste, da Zona da Mata e do sertão. Como é sabido o êxodo rural é impulsionado pela esperança de uma melhor qualidade de vida nas cidades e, nesse caso, foi também estimulado pela promessa do governo de Figueiredo (1979 - 1984) de que os moradores da região receberiam a posse da terra³.

Foi no bairro de São José que nasceu o clube de alegoria carnavalesca O Galo da Madrugada⁴. Em 1995 esse bloco foi considerado o maior bloco carnavalesco do planeta, conforme o livro dos records, Guinness Book.

O Galo da Madrugada, segundo o estudante Gugu de 17 anos⁵, tem relação com sua história de vida, pois quando ele era criança tinha uma relação de amor e ódio com o Galo, Gugu relata: [...] *minha mãe ia brincar o Galo e eu ficava só, com um vizinho. Quando ela chegava, muito depois do galo, ia beber nos bares e eu adorava ficar livre pelas ruas do Coque.*

³ No dia 20.08.1981, o Jornal Diário de Pernambuco publicou uma matéria intitulada: **Favelados cobram promessas de Figueiredo**, a reportagem traz um informativo das reivindicações dos moradores do Coque pela posse da terra ao então governador Marco Maciel.

⁴ O **Clube de Alegoria Galo da Madrugada** foi criado em dezembro de 1977 numa reunião de amigos do bairro de São José durante o carnaval. O assunto primordial era a diferença entre os carnavais antigos e o atual (daquela época). Segundo Enéas Freire, presidente perpétuo da agremiação a ideia inicial foi de se formar um clube de frevo. O clube foi fundado oficialmente em 24 de janeiro de 1978, na Rua Padre Floriano, 43, no bairro de São José. Essas informações foram extraídas do site: www.fundaj.gov.br

⁵ Gugu no período da pesquisa era estudante do 3º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Monsenhor Manuel Leonardo de Barros Barreto. Seu relato foi extraído de textos construídos durante as aulas de história, sobre o carnaval Pernambucano.

O Coque também faz fronteira com a Ilha do Leite, o mais importante pólo médico da capital. O fato de suas fronteiras serem as áreas nobres da cidade evidencia as desigualdades. Para Freitas, é comum por exemplo, assaltos registrados nas imediações da Ilha do Leite e de Boa Viagem serem atribuídos aos moradores do Coque.

Caminhar pelo Coque, olhar os moradores de perto, ver as casas, os barracos, pisar na lama, ver as novas ruas, o asfalto, as novas construções, observar as instituições que aparelham a favela, suar a camisa durante os percursos, sentir o cheiro do Coque, degustar as comidas oferecidas, entrar nas casas e conversar com moradores. Foram esses os motivos que nos levaram a ultrapassar os muros da escola para poder melhor compreender as percepções dos estudantes sobre as configurações sociais existentes na favela do Coque.

Na companhia de alguns estudantes adentramos nas ruas, becos e casas do Coque. Buscamos as conexões entre os relatos dos estudantes e as vivências que conseguimos captar durante a pesquisa de campo.

A Rua Azul, a Curva do S e a Favela do Papelão

Numa tarde ensolarada fomos conhecer a área do Coque conhecida como “Favela do Papelão”, acompanhados por Ceça, estudante do 1º ano do Ensino Médio da escola Joaquim Nabuco.

Antes de começarmos nossa caminhada pelas ruas do Coque, a estudante explicou que nessa parte do Coque moram muitos catadores de produtos recicláveis e que eles realizam o processo de separação do lixo na rua. Assim, existe uma grande quantidade de lixo espalhada nessa área da favela do Coque.

Quando chegamos à Rua Azul, entendemos a preocupação de Ceça, representada em suas explicações sobre o lixo armazenado nesse local. Realmente, a quantidade de lixo espalhada ao longo da rua é volumosa e para um desavisado as primeiras impressões podem ser no mínimo intrigantes.

Nessa rua, observamos um grande quantitativo de pequenos comércios, desde depósitos de bebidas, fábricas de picolé, sorvetes e as pequeninas mercearias (barracas) instaladas nas casas ao longo de toda a rua. O quantitativo de quitandas próximas uma das outras chamou nossa atenção.

Perguntamos a Ceça sobre o motivo de tantas mercearias próximas, comercializando basicamente os mesmos produtos. A estudante foi enfática: “É a

maneira do pessoal ganhar dinheiro fácil, aqui tem muitas crianças e gente que gosta de beber". Em muitas dessas mercearias, conhecidas popularmente por barracas, são comercializados doces, salgadinhos, bebidas alcoólicas, entre outros produtos.

No início da Rua Azul tem um depósito de bebidas, quatro pequenas barracas, dois mercadinhos, duas *lan-houses*, uma escolinha que funciona apenas o pré-escolar, um depósito de produtos recicláveis, um bar chamado de "bar da Fernanda", onde funciona um pagode nos fins de semana, um depósito de água mineral, uma casa onde é comercializado almoços.

Ao longo da caminhada logo chegamos numa parte da rua que por causa do seu formato curvo, ficou conhecida pelos moradores como "Curva do S".

Na Curva do S encontramos um estabelecimento que vende verduras e frutas, um estabelecimento voltado para jogos de vídeo game, cinco barracas, duas delas funcionam como bares, um estabelecimento que conserta bicicletas, uma *lan-house*, um depósito de produtos recicláveis, uma casa conhecida como "a casa do milho", os milhos são distribuídos para vendedores ambulantes que os comercializam no centro da cidade.

A estudante Ceça comentou que todos os coletores de produtos recicláveis realizam a separação do lixo na rua, porém fez questão de mostrar a casa onde mora uma senhora que segundo a estudante, é a única catadora desta rua que realiza a separação do lixo em sua própria casa.

No caminho próximo à fábrica de sorvetes e a marcenaria do Sr. Ezequiel encontramos algumas carroças e cavalos soltos perambulando em meio ao lixo e às crianças de pés descalços que brincavam na rua.

Antes de chegarmos propriamente na favela do Papelão, paramos na casa de Ceça, a mesma, nos convidou para entrar. Sua mãe ofereceu-nos cafezinho que recusamos por causa do calor que nos consumia, tomamos água enquanto estabelecíamos as primeiras conversas.

Ceça nos levou para conhecer seu quarto. Um lugar de uma vista espetacular. Olhando pela janela do seu quarto podemos contemplar o Rio Capibaribe, o mangue, as palafitas do outro lado da margem do rio. A casa de Ceça é pequena, ela divide seu quarto com sua mãe e sua irmã caçula. O irmão dela dorme na sala, apesar de ter pouco espaço, a casa é bastante organizada.

Despedimo-nos da sua mãe Dona Maria, uma pessoa simples, mas de uma doçura inigualável, ela não nos deixou sair de sua casa sem levarmos uma

lembrancinha. Presenteou-nos com um lindo casal de namorados de louça, ela falou: *“Quero que você leve esse casal para lembrar de nós”*. Não sabia ela que aquele momento que estávamos vivenciando ficaria guardado em nossas lembranças. É difícil descrever o quão significativo foram esses momentos, conversando com as pessoas, olhando nos olhos, sendo acolhidos em seus lares.

Continuamos em direção a Favela do Papelão. Enfrente a uma pequena casa estava um senhor de aproximadamente 55 anos, sentado depenando um pombo, ao lado dele, uma mulher que parecia esperar o pombo para cozinhá-lo.

Ceça explicou-nos que, anteriormente, a maioria das casas dessa área eram construídas com papelões. Ela disse que já ocorreram vários incidentes, inclusive a favela já foi incendiada. Na Favela do Papelão a maioria das casas é feita de alvenaria e madeira.

Entramos em um pequeno beco com saída para o mangue, nesse momento percebi que quase todos os “casebres” não possuem o sistema de esgotos. Os excrementos são jogados nas águas do rio Capibaribe. O rio que apesar das doenças que carrega em suas águas poluídas, nos transmite tanta vivacidade e exuberância.

Voltamos para a rua. Nessa parte, já não se chama Rua Azul nem Curva do S, agora é a Favela do Papelão. Observamos mais duas pequenas barracas, uma serralharia, uma sorveteria, uma casa de ajuste de máquinas.

Defronte à serralharia fomos parados por uma senhora, chamada de Zita, a mesma, veio questionar o que estávamos fazendo. Perguntou se íamos ajudar na melhoria da comunidade. Ela prontamente sem esperar as explicações, tirou suas próprias conclusões: *“Aqui é assim, a prefeitura vem diz que vai fazer algo, mas nunca muda”*.

Explicamos que não estávamos representando a prefeitura e, sim, realizando uma pesquisa acadêmica pela Universidade Federal de Pernambuco. Explicamos do que se tratava a pesquisa. Zita ouviu atentamente e falou que apesar de todos os problemas que existem na comunidade do Coque é bom morar lá. Segundo ela, *“É perto de tudo, tem muita gente boa aqui”*. Zita continuou: *“[...] antes aqui era mais perigoso, agora eles foram embora e as coisas estão mais calmas, o problema é a sujeira. Mas, o povo vive disso [...]”*.

Ao conversarmos com essa senhora percebemos o quanto as causas das problemáticas do Coque são atribuídas aos jovens envolvidos com a delinquência. Zita

os chama de *“eles, os desordeiros”*. *“É por causa deles que o Coque pegou essa fama de lugar perigoso, difamado”*.

Na volta para a escola passamos em frente a uma pequena casa onde estava sentada uma jovem de 27 anos com seus quatro filhos e dois sobrinhos. O que nos chamou a atenção foi o fato de naquela casa tão pequenina morarem dez pessoas. Logo indagamos em pensamento, como dormem essas crianças? Despedimo-nos daquela moça, levando em nossos pensamentos muitas perguntas que ficaram por fazer.

Entramos num beco e fomos até a torre da Vila Brasil, lá tem uma grande antena, que é muito conhecida pela garotada das proximidades, segundo Ceça, muitos adoram subir até a parte superior para contemplar a vista da favela do Coque.

Voltamos para a escola por um beco chamado de Corrimboque. Lá encontramos alguns estudantes e a mãe de um deles que estava fazendo artesanato para vender. Conversamos um pouco sobre sua atividade. Ela nos relatou que produz bijuterias há muito tempo e as comercializa no bairro, mas, também em algumas lojas do centro da cidade. Durante a pesquisa estivemos nesta área da Favela do Papelão três vezes.

Percursos conclusivos

O espaço escolar na visão dos pesquisados não está afastado do ciclo vicioso da violência, antes disso, está entrelaçado. Nas escolas Joaquim Nabuco e Monsenhor Manuel Leonardo de Barros Barreto, segundo os estudantes, são corriqueiros alguns comportamentos violentos em seus interiores. São eles: as agressões físicas entre os educandos, a venda e o uso de drogas, entre outros. São notórias as observações dos pesquisados sobre o despreparo dos gestores, dos professores e dos funcionários no enfrentamento das diferentes violências que ocorrem nessa configuração social.

Consideramos que a escola pode proporcionar ao indivíduo diferentes conhecimentos relevantes para o seu desenvolvimento e, em alguns casos possibilitar a mobilidade social. Contudo, em nossa pesquisa os estudantes revelaram o desprestígio dessa instituição diante às suas necessidades emergenciais.

A educação escolarizada para eles não supre as ausências causadas pelos problemas socioeconômicos e, nessa perspectiva, muitos jovens são obrigados por diferentes circunstâncias a abandoná-la, buscando no trabalho informal o sustento imediato das suas famílias.

Muitos adolescentes dividem o seu tempo entre os livros e os instrumentos de trabalho. As conquistas imediatas do trabalho se sobrepõem frente às possibilidades de ascensão social a longo prazo através da educação escolarizada.

Essa investigação nos revelou de diferentes maneiras o lugar da educação e da escola na vida dos estudantes. Observamos o que os aproximam, os afastam e os reais elos que as escolas constroem com os educandos. Esse mote nos fez perceber os limites e as ausências dessas instituições no processo educacional dos sujeitos. Partindo nessa direção, realizamos diferentes conexões entre as problemáticas da escola pública localizada em áreas desfavorecidas, os chamados territórios de favela.

Compreendemos que esse trabalho contribui para o campo das pesquisas acadêmicas em Educação na medida em que alarga nossas percepções acerca das problemáticas da escola pública, com ênfase na perspectiva dos estudantes.

Contudo, entendemos os limites da pesquisa diante da complexa configuração social estudada. Muitas perguntas foram suspensas, outras surgiram durante o processo investigativo. A riqueza dos dados e as múltiplas possibilidades de investigação apenas ratificaram a importância do estudo.

Para finalizar esse trabalho, consideramos que longa e prazerosa foi a caminhada investigativa, tivemos a oportunidade de conviver com alguns jovens de maneira mais aproximada e atenta. A partir das suas histórias de vida pudemos conhecer partes da favela do Coque e, ao mesmo tempo, ao percorrermos as ruas e becos dessa configuração social, pudemos melhor compreender as histórias das meninas e dos meninos moradores da favela do Coque.

REFERÊNCIAS:

BOURDIEU, Pierre. (dir.). **A Miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. Pierre. **Escritos de Educação**. In: NOGUEIRA, M. e CATANI, A. (orgs.). Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 12ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

DA MATTA, Roberto. **Relativizando: Uma Introdução à Antropologia Social**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

ELIAS, Norbert. **Introdução a sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1969.

_____. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1985.

_____. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. **O Processo Civilizador: Formação do Estado e Civilização**. vol. 2, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

_____. **Os Estabelecidos e os *Outsiders***. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FERNANDES, Fernando Lannes, FERRAZ, Ana Flávia & SENNA, Ana Carolina. Org. **Redes de Valorização da Vida - Recife**. Rio de Janeiro: Observatório de Favelas, 2009.

PAIVA, Ângela & Burgos, Marcelo. **A Escola e a Favela**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, Ed. Pallas, 2009.

PAIVA, Vanilda. **Educação Popular e Educação dos Adultos: Contribuição à História da Educação Brasileira**. São Paulo: Loyola, 1973.

_____. **Violência e Pobreza: a educação dos pobres**. In: PAIVA, V.; BARRETO, V.; ZALUAR, A. (Orgs.). *Violência e Educação*. São Paulo: Livros do Tatu Cortez, 1992.

ZALUAR, Alba. **Cidadão não vão ao paraíso**. Campinas: Escuta, 1994.

_____. **A Máquina e a Revolta: As organizações populares e o significado da pobreza**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

_____. **Integração Perversa: pobreza e tráfico de drogas**. Rio de Janeiro, 2004.